

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES**

Beatriz Novaes Fonseca

**TEATRO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA PANDEMIA: uma experiência na
Superintendência de Limpeza Urbana (SLU) de Belo Horizonte**

**Belo Horizonte
2023**

Beatriz Novaes Fonseca

**TEATRO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA PANDEMIA: uma experiência na
Superintendência de Limpeza Urbana (SLU) de Belo Horizonte**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Teatro – Licenciatura – Escola de Belas
Artes da Universidade Federal de Minas
Gerais, para obtenção de título de
Licenciada em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Maurílio Rocha

Belo Horizonte

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
Colegiado do Curso de Graduação em Teatro
colteatro@eba.ufmg.br
(31xx) 3409 5385

CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO / Habilitação Licenciatura

FOLHA DE APROVAÇÃO

Às 10:00h do dia 26/06/2023, reuniu-se remotamente pelas plataformas digitais a Banca Examinadora, constituída pelos professores: Maurílio de Andrade Rocha, Ricardo Carvalho de Figueiredo e Marina Marcondes Machado, para avaliar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da discente Beatriz Novaes Fonseca, intitulado “TEATRO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA PANDEMIA: Uma experiência na Superintendência de Limpeza Urbana (SLU) de Belo Horizonte”, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Teatro.

A candidata foi considerada APROVADA.

Prof. Maurílio de Andrade Rocha – Orientador

Ricardo
Carvalho de
Figueiredo

Assinado de forma digital
por Ricardo Carvalho de
Figueiredo
Dados: 2023.06.29
17:24:25 -03'00'

Prof. Ricardo Carvalho de Figueiredo – Membro

Profa. Marina Marcondes Machado – Membro

Belo Horizonte, 26 de junho de 2023.

RESUMO

Neste estudo, reflito sobre a experiência que vivenciei como estagiária na Superintendência de Limpeza Urbana (SLU) durante o período pandêmico, de março de 2020 a março de 2022. Durante o estágio, integrei a equipe de Mobilização Social e participei do grupo de teatro criado pela instituição, que promove atividades de Educação Ambiental nas escolas públicas de Belo Horizonte. Após uma breve descrição da SLU e uma contextualização sobre a equipe de Mobilização Social e meu envolvimento com o grupo, estabeleço um paralelo entre o ensino de teatro e a Educação Ambiental, explorando suas inter-relações. Por fim, reflito sobre o impacto dessa experiência em minha formação como futura professora de teatro, estabelecendo conexões com as questões abordadas nos Estágios Regulares.

Palavras-Chave: Teatro; Educação Ambiental; Arte-Educação Ambiental; Limpeza Urbana.

ABSTRACT

In this study, I reflect on the experience I had as an intern at the Urban Cleaning Superintendence (SLU) in Belo Horizonte - State of Minas Gerais during the pandemic period, from March 2020 to March 2022. During the internship, I joined the Social Mobilization team and participated in the theater group created by the institution, which promotes Environmental Education activities in public schools in Belo Horizonte. After a brief description of SLU and a contextualization of the Social Mobilization team and my involvement with the group, I establish a parallel between theater teaching and Environmental Education, exploring their interrelationships. Finally, I reflect on the impact of this experience on my graduation as a future theater teacher, establishing connections with the issues addressed in the Regular Internships.

Keywords:Theater; Environmental education; Art-Environmental Education; Urban Cleaning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
A SLU E EQUIPE DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL.....	6
O GRUPO DE TEATRO DA SLU.....	7
OS TRABALHOS DO GRUPO REALIZADOS DURANTE O ESTÁGIO.....	9
EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	13
TEATRO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	14
CONEXÕES COM OS ESTÁGIOS REGULARES.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	20
ANEXO.....	21

INTRODUÇÃO

Em março de 2020, durante o meu percurso acadêmico, decidi realizar um estágio extracurricular na Superintendência de Limpeza Urbana (SLU) com o objetivo de expandir e aplicar os conhecimentos adquiridos no curso de Graduação em Teatro da UFMG. Nesse estágio, atuei como membro da Equipe de Mobilização, auxiliando no grupo de teatro composto por funcionários da empresa. No entanto, apenas duas semanas após o início do estágio, o mundo foi afetado pelo confinamento decorrente da pandemia de COVID-19. Nesse contexto, foi necessário adotar o distanciamento social e permanecer em casa.

Os primeiros meses do estágio foram indefinidos, não sabíamos como prosseguir com os trabalhos. Eu ainda não tinha familiaridade com o trabalho realizado por eles, pois só tinha tido duas semanas de prática. As aulas da UFMG também estavam paralisadas, tudo ainda precisava se adaptar.

Ao passar dos meses, fomos caminhando e tentando nos adaptar para continuarmos os estudos de forma que pudéssemos manter a nossa segurança. Pensando nisso, o ambiente online e os recursos que ele nos proporciona naquele momento foram o que nos amparou para que continuássemos desenvolvendo os trabalhos com o grupo de Teatro da SLU e também os estudos na graduação.

Essa caminhada que me levou ao fim tanto da graduação quanto do estágio não obrigatório e, ao mesmo tempo, o começo da minha jornada enquanto professora de Teatro, fez-me ter o desejo de tecer uma reflexão sobre esse momento. As relações entre o Teatro e a Educação Ambiental que estavam presentes, as experimentações teatrais feitas por meio de recursos audiovisuais e as conexões que estabeleci entre o trabalho com a mobilização social e os conhecimentos adquiridos nas aulas de Licenciatura levaram-me a este trabalho.

A SLU E A EQUIPE DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL

A Superintendência de Limpeza Urbana (SLU) é uma autarquia vinculada à Prefeitura de Belo Horizonte que presta serviços essenciais para manter a cidade limpa. Suas responsabilidades incluem desde a coleta de resíduos domiciliares até o seu destino final, seja por aterramento, reciclagem ou compostagem. Além disso, a SLU também é responsável por serviços de manutenção do espaço público, como a varrição, capina e limpeza de córregos.

Dentro da empresa, há o setor de mobilização social e educação para Limpeza Urbana, que é responsável pela interlocução com os munícipes no que se refere a conhecimentos e responsabilidades. Grande parte do trabalho realizado pela SLU é feito em conjunto com a comunidade, que usufrui e necessita dos serviços prestados, e, para tanto, é essencial manter um diálogo constante. O setor de mobilização social e educação tem o papel de disseminar informações sobre a importância da limpeza pública e preservação do meio ambiente, além de incentivar a participação da população em campanhas e projetos voltados para o tema.

Uma prática comum realizada dentro desse setor é a realização de campanhas educativas, onde ocorre a entrega de material informativo. Elas são feitas porta a porta em uma região onde houve uma denúncia por parte dos moradores ou pela própria análise da empresa de que há descarte irregular do lixo, aglomerado de entulhos nas vias ou até mesmo implementação de coleta domiciliar em regiões onde a mesma não era formalizada.

A equipe de mobilização da SLU é composta por vários eixos, incluindo o de 'Educação para Limpeza Urbana' que realiza seus projetos em conjunto com a Secretaria Municipal de Educação (SMED). Ele é dividido em três grupos: 'Limpeza é Cultura', 'Limpeza é Informação' e 'Limpeza é Educação'. Esses grupos desenvolvem projetos culturais com o objetivo de abordar questões relacionadas à Educação Ambiental por meio de oficinas de reciclagem, exposições, instalações, espetáculos e contação de histórias. Esses projetos são destinados a alunos da educação básica, especialmente das escolas municipais de Belo Horizonte.

O GRUPO DE TEATRO DA SLU

Considerando a atuação da equipe de mobilização da SLU, este trabalho tem como foco o projeto desenvolvido pelo grupo de Teatro, do qual fiz parte como estagiária entre 2020 e 2022. O grupo foi surgindo há mais de 20 anos como forma de criar materiais educativos relacionados à importância da limpeza pública e à preservação do meio ambiente com o intuito de distribuí-los à população de Belo Horizonte.

O grupo passou por diversas modificações ao longo dos anos, mudando de acordo com a gestão que estava à frente da prefeitura. No começo, havia uma contratação formal de atores terceirizados para a criação e atuação das cenas e

espetáculos, mas, aos poucos esse formato foi se desfazendo e dando lugar a um grupo formado pelos servidores que possuíam alguma experiência ou interesse em teatro e estagiários que estivessem cursando o ensino superior na mesma área.

As dramaturgias criadas pelo grupo são sempre com foco na temática da Educação Ambiental e nos resíduos sólidos, feito em sua maioria de maneira coletiva com toda a participação do grupo como um todo e sempre pensando no público alvo que seriam os estudantes da educação básica das escolas públicas de Belo Horizonte. Utilizando de contação de histórias, teatro de bonecos, fantoches, além de recursos audiovisuais para a plataforma EAD da prefeitura. Além disso, o grupo tem parcerias com parques e espaços públicos administrados pela prefeitura onde os alunos são levados para assistir e interagir com as apresentações.

Atualmente, o grupo de teatro da SLU é formado por três membros, que foram entrevistados para a elaboração da primeira parte deste trabalho. Caroline Cunha, técnica em Meio Ambiente e coordenadora do grupo, é responsável por conduzir e orientar as atividades desenvolvidas pelo grupo. Já Daniel Rosa, mais conhecido como "Daniel do Rap", é gari de coleta há 26 anos e participa ativamente do projeto como dançarino de *hip hop*, *rapper* e ator. Por fim, Márcio, o membro que está há mais tempo no grupo, que também é servidor e está na empresa desde 1995, trabalha como gari de varrição e, depois de um tempo, foi chamado para fundar o grupo de teatro.

Eles trazem suas próprias queixas, perspectivas e vivências enquanto funcionários da instituição, ou seja, como estão inseridos nesse contexto, possuem o conhecimento prévio para tratar de assuntos que julgam necessários de serem comunicados à população. Márcio, por exemplo, relata que sofre preconceito pela sua profissão, que não é bem vista pelos olhos da população, mas que isso tem mudado ao longo dos anos, apesar de ainda haver muita coisa para mudar.

As vivências individuais são valiosas para a formação e a existência desse time que tem sido o representante e o porta-voz da mobilização. Os membros do grupo enfatizam seus interesses não só em manter o grupo ativo mas também em se capacitar fora da empresa através de cursos na Escola Livre de Artes - Área na Cultura, sempre preocupados em expandir seus conhecimentos e se manterem ativos nessas práticas.

Além disso, o grupo relata e enfatiza a importância que os projetos teatrais e artísticos (que muitas vezes partem dos próprios membros, pelo interesse em

criá-los) têm na SLU como forma de chegar até os alunos. Márcio, por exemplo, diz que o que eles fazem é uma "brincadeira séria", tratando de assuntos que consideram urgentes, e atuam como mediadores para falar de educação ambiental.

O grupo então vem existindo e resistindo a tantas mudanças políticas e sociais ao longo dos anos, tendo que se reinventar e experimentar novas formas de fazer teatro. Depois da pandemia, por exemplo, o grupo precisou aderir ao uso de tecnologias e recursos digitais que têm permitido que eles continuem a realizar apresentações e ações de mobilização mesmo em momentos de distanciamento social.

Podemos concluir que a persistência e a criatividade são características marcantes desse grupo de teatro, que mesmo diante de tantas mudanças, adversidades, falta de equipamentos e verba, têm mantido seu compromisso com a mobilização social e permitindo se reinventar.

OS TRABALHOS DO GRUPO REALIZADOS DURANTE O ESTÁGIO

Após apresentar um pouco da história do grupo e sua dinâmica, agora irei descrever como foi a minha experiência fazendo parte dele e também sendo funcionária da equipe de mobilização. Pois, além de ser um membro do grupo durante o período de estágio, também pude participar de outros trabalhos realizados pela mobilização social.

O meu estágio iniciou no dia 02 de março de 2020, uma semana antes de entrarmos em isolamento social devido à pandemia da Covid-19, e só se encerrou em março de 2022. Ou seja, todo o trabalho que realizei foi feito durante o isolamento social, quase inteiramente de maneira virtual e com poucos contatos presenciais entre os membros da equipe.

Na primeira semana de estágio, no período pré-pandemia, foi me apresentada a SLU e como se dariam os trabalhos teatrais que iríamos produzir. Era importante me situar na superintendência e entender como funcionava cada equipe, suas obrigações enquanto autarquia, suas necessidades e adversidades. Isso influenciou muito na maneira como eu conduzi meu trabalho, pois era necessário transmitir esse conhecimento através das criações que iríamos realizar.

O que serviria de ponto de partida para a nossa criação, seria a Política Nacional de Resíduos Sólidos que tem como objetivo o "gerenciamento

ambientalmente adequado dos resíduos sólidos". (BRASIL, 2010). Ela estabelece metas para a redução do volume de resíduos gerados, a ampliação da coleta seletiva, o aumento da reciclagem, a eliminação dos lixões, a recuperação de áreas degradadas com a finalidade de promover a proteção da saúde pública e do meio ambiente. A lei também traz um conceito que serviu de base para a elaboração dos materiais e é utilizado como princípio pela SLU, o de responsabilidade compartilhada entre a sociedade, o poder público e as empresas na gestão dos resíduos sólidos.

Tendo isso em vista, enquanto estudante de licenciatura e futura professora de teatro, eu atuava como uma facilitadora para que o grupo pudesse criar seus materiais teatrais embasados nesses conceitos. Auxiliaria então na estrutura física do acervo do teatro, escrita de dramaturgia e direção, além de trabalhos administrativos como o de aplicação de questionários para a população, participação em campanhas educativas e acompanhamento de visitas técnicas.

Considerando o fato de que essas funções tiveram que ser adaptadas para o isolamento social, o começo dessa jornada foi um pouco complexa, pois nos deparamos com uma situação que nunca havíamos vivido e não estávamos nem um pouco preparados para suas consequências e adequações. O que nos levou a um longo período de reflexão e estudos de possibilidades, pois o único meio que tínhamos para continuar chegando ao público alvo, sem infringir as regras do distanciamento social, seria o online.

Diante disso, começamos então a esboçar textos que poderiam virar apresentação em Powerpoint e vídeo, entrevistas e contações de história em formato de podcasts, vídeos curtos em formatos de esquetes e de entrevistas com funcionários e pessoas que contribuem para as atividades da SLU. Essa elaboração e adaptação foi feita através de textos e personagens já utilizados pelo grupo.

Um primeiro exemplo foi a adaptação do texto denominado "História das embalagens", que originalmente era uma exposição criada pela equipe. A exposição mostrava a evolução das embalagens ao longo da história do planeta, destacando como fomos criando embalagens menos sustentáveis em quantidades cada vez maiores. A exposição era composta por 6 caixas, cada uma representava alguma fase da história da humanidade: Pré-História, Grécia Antiga, Idade Média, Renascimento, Revolução industrial e dias atuais. Assim, cada caixa expunha as embalagens que eram utilizadas em determinado período.

A partir dessa exposição, sugeri que criássemos uma história que pudesse ser narrada no formato de áudio, em forma de podcast. A dramaturgia foi pensada coletivamente e a partir de três vozes: a de um narrador, um Ancião que estaria viajando pelo tempo, e uma jovem adolescente que estaria no presente dentro de um supermercado, ajudando sua mãe com as compras e observando as embalagens.

Depois que fechamos o texto, como havia pouco recurso e não pudemos nos encontrar pessoalmente para gravar o podcast, resolvemos que cada um iria gravar a sua parte no seu próprio celular, que seria enviada através de um áudio pelo WhatsApp (nosso principal meio de comunicação naquele momento). Depois disso, fiquei responsável por juntar e fazer a edição daqueles áudios e montar a estrutura do podcast. Adicionei sons e músicas como elementos que pudessem servir como plano de fundo e que completassem aquela história.

Depois do podcast pronto, resolvemos apostar nesse formato, pois percebemos que ele nos dava bastante possibilidade de criação, dentro do que era possível fazer na época. Começamos então a pensar em um programa de entrevistas chamado "Papo a Dois", onde um apresentador entrevistava personagens que o grupo já havia criado em outros trabalhos feitos por eles. Escrevemos então uma entrevista com o personagens "Einstendido", um cientista que tinha como aspiração estudar uma forma de acabar com a poluição nos rios, e a personagem "Crespete", uma figura mística que protegia as árvores de Belo Horizonte.

Depois de explorar esse formato de áudio, decidimos começar a produzir e arriscar em outros recursos audiovisuais. Recebemos uma demanda para criar uma série de vídeos que informasse todos os serviços que a SLU fornecia à população. Decidimos então convidar o Daniel do Rap (funcionário e membro do grupo, já mencionado neste texto) e uma para que ele mesmo, através de seu ponto de vista e de sua experiência como Gari, pudesse trazer essas informações. E por fim, trouxemos uma catadora de materiais recicláveis, a Claudiene, que daria sua perspectiva enquanto agente da coleta seletiva.

O projeto foi intitulado "A Limpeza Urbana de BH" e foi realizado no formato de entrevista. Organizamos perguntas que consideramos fundamentais para ajudar a descrever e explicar o funcionamento de cada serviço. Os episódios foram divididos em 7 vídeos: Apresentação, Coleta domiciliar, Varrição, Limpeza de

Córrego, Limpeza das Vias Públicas, Como funciona uma URPV, Coleta seletiva e Ponto Verde.

Também nesse formato, produzimos um vídeo informativo sobre os resíduos sólidos. Nele, apresentamos o que são, quais os principais problemas que Belo Horizonte enfrenta em relação a eles e de que maneira isso pode ser resolvido. O vídeo foi feito em um formato mais simples, contando apenas com a minha narração e uma apresentação de imagens e texto.

É importante frisar que nunca havia produzido esse tipo de material antes. Eu nunca havia editado vídeos e áudios, nem escrito uma dramaturgia que pudesse ser transformada dessa forma. Portanto, tive que aprender enquanto fazia: qual programa utilizar para a edição, onde encontrar os sons e músicas necessários, entre outros aspectos. Os trabalhos descritos foram produzidos de maneira amadora. Além disso, a SLU não dispunha de equipamentos como microfones e câmeras, necessários para a gravação, e não havia verba para a compra dos mesmos. Tudo foi feito com recursos limitados e com os aparelhos de uso pessoal, pois eram os únicos disponíveis para o nosso trabalho.

Em meio à produção desses trabalhos, eu também participava das campanhas de mobilização que fazia junto a outros estagiários e outros funcionários que eram de outros eixos da equipe. Nelas, fazíamos viagens por toda a cidade, realizando um trabalho de perto, onde batíamos de porta em porta para tentar solucionar problemas relacionados à limpeza urbana e conversar com os moradores sobre questões específicas que estivessem causando problemas naquela região.

Assim, pude ter uma visão tanto de dentro da empresa quanto do lado da população, que muitas vezes não tinha conhecimentos básicos sobre os deveres que tinham em relação à coleta domiciliar, por exemplo. Mas também pude perceber a precariedade e os poucos recursos que a cidade ainda tem em relação à coleta e ao direcionamento dos resíduos sólidos.

Essa experiência foi de extrema importância, pois ao ingressar na SLU, eu possuía um conhecimento limitado tanto como moradora de Belo Horizonte quanto em relação às questões abordadas pela SLU. No entanto, essa vivência me proporcionou o desenvolvimento de um olhar crítico, o qual teve um impacto significativo na minha habilidade de escrever e elaborar os materiais mencionados.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Meus primeiros contatos com a temática da Educação Ambiental (EA) e as problemáticas dos resíduos sólidos foram baseados em senso comum. No entanto, quando comecei a realizar o estágio, percebi a necessidade de aprofundar meu entendimento sobre esses assuntos e compreender suas relações com o teatro, bem como explorar como essa interdisciplinaridade poderia ser estabelecida.

Antes de compreendê-la no contexto municipal de Belo Horizonte, primeiro precisamos entender que a Educação Ambiental

objetiva desenvolver habilidades e modificar as atitudes em relação ao ambiente, que, por meio da compreensão e apreciação das inter-relações entre os seres, visa à formação de sujeitos conscientes, críticos, politizados, autônomos e protagonistas nas tomadas de decisões individuais e coletivas (LUMMERTZ; FISCHER, 2017 p. 57 *apud* LOUREIRO, 2009; MULLER; FARIA, 2005; LAYRARGUES, 2004; SATO, 2003).

Em um contexto nacional, de acordo com a Lei N°9.795 de 1999 a Educação Ambiental pode ser compreendida como

processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (BRASIL, 1999)

No que diz respeito à educação formal e não-formal, essa mesma Lei prevê que “a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo.” (BRASIL, 1999). Esta Lei é citada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destacando a EA como um dos “temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global” (BRASIL, 2018, p.19) e que “cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas” (BRASIL, 2018, p.19) tratar do assunto.

Isso posto, é importante contextualizar que as escolas públicas de Belo Horizontes são compostas, em sua maioria, por escolas do ensino fundamental, a parceria feita entre a SLU e a Secretaria Municipal de Educação para a criação de atividades voltadas para a EA são feitas pensando no público alvo, ou seja, crianças e adolescentes de 6 (seis) a 14 (quatorze)anos.

Portanto, o trabalho desenvolvido pela SLU com as escolas municipais de Belo Horizonte se fundamenta nesses princípios curriculares, os quais devem estar presentes na vida escolar dos alunos, não apenas por ser um dever constitucional, mas também por ter como objetivo a formação de cidadãos conscientes do meio ambiente. Isso está alinhado e contribui para o trabalho da Limpeza Urbana.

A empresa, portanto, desempenha um papel fundamental nesse processo de formação da Educação Ambiental, já que de acordo com a Lei 10.534 (BELO HORIZONTE, 2012, p.1) “a limpeza urbana, seus serviços e o manejo dos resíduos sólidos urbanos no Município serão de responsabilidade da Superintendência de Limpeza Urbana de Belo Horizonte”.

TEATRO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Após compreender um pouco sobre as definições e estabelecer conexões entre a educação ambiental e a SLU no contexto de Belo Horizonte, torna-se relevante realizar uma análise sobre como essa prática está relacionada ao ensino do teatro. A partir desse ponto, foi realizada uma revisão bibliográfica de trabalhos que abordam a correlação entre a educação ambiental e o teatro.

Com base nessa revisão bibliográfica e nas experiências que vivenciei na equipe de mobilização, pude observar que é uma prática recorrente, tanto em empresas públicas quanto em ONGs, a construção de práticas teatrais para abordar a educação ambiental. Nessas situações, o público-alvo participa da prática como espectador, assim como ocorreu no meu trabalho na SLU, em que a equipe elaborava o material com o propósito de ser apresentado ao público específico.

Em alguns casos, como em escolas, por exemplo, é uma prática construída junto ao aluno, por meio de jogos de improvisação, escritas dramatúrgicas construídas coletivamente ou até mesmo a encenação de espetáculos teatrais previamente elaborados pelos professores e educadores, apenas entregues aos educandos como um exercício.

É importante ressaltar que a maioria das práticas relacionadas ao teatro e educação ambiental está mais vinculada aos campos da biologia, geografia e meio ambiente do que à arte em si. Portanto, na leitura desses artigos e até mesmo nas entrevistas realizadas para a elaboração deste trabalho, pude perceber uma

justificativa comum para a incorporação do teatro em suas atividades de educação ambiental, quando afirmam que

O teatro é tradicionalmente e amplamente utilizado como ferramenta da EA, balizado em suas propriedades de comunicação e por meio de linguagem não verbal associada à verbal, estimulando simultaneamente o lúdico e a reflexão, facilitando a compreensão do mundo ao seu redor (LUMMERTZ.; FISCHER, 2017, p. 58 *apud* SATO, 2003).

Logo, o teatro, nesses casos, é visto como uma ferramenta pedagógica, um meio pelo qual eles irão apresentar suas ideias relativas ao meio ambiente e à EA. Na maioria das vezes, o teatro é relacionado como uma maneira lúdica, divertida e dinâmica de abordar o tema, ou até mesmo como uma forma de prender a atenção dos alunos e dos espectadores.

Pato e Rache (2015, p. 639) introduzem o termo "arte-educação ambiental" para explicar essa abordagem mais como uma construção transdisciplinar. A partir desse conceito, é possível observar a perspectiva dos arte-educadores, que têm o objetivo de tratar de temas ambientais estabelecendo conexões entre as áreas de arte e meio ambiente. Além disso, há também a perspectiva dos educadores ambientais, que encontram nas artes um meio para realizar suas ações educativas. Nesta última perspectiva, percebe-se a ideia de que para esses educadores ambientais, sua visão sobre as artes "ainda está vinculada à arte como atividade ou técnica e não como conhecimento ou conteúdo" (PATO;RACHE,p. 639).

Essa foi a observação que pude ter diante dos trabalhos na mobilização social em suas ações artísticas. Não apenas no grupo de teatro, mas também nas suas ações com as artes plásticas e artes visuais, quando realizamos trabalhos em conjunto. Essas práticas eram vistas ali apenas como veículos para abordar temas pertinentes à SLU, como a questão dos resíduos sólidos e a limpeza urbana.

Complementando, Goldberg (2004) também utiliza do termo Arte-Educação-Ambiental para tratar dessa ligação e diz que

podemos então pensar no papel do ensino de artes para a formação integral dos indivíduos, como um direito que se têm ao desenvolvimento da capacidade criadora, única e singular em cada um. Daí a arte ser uma importante área do conhecimento para a educação ambiental, integrando o conhecimento científico e a educação da sensibilidade, complementando o processo educativo em interação com o meio e não isolado dele e de forma fragmentada. (GOLDBERG, 2004, p.98)

Essas foram as experiências e aspectos que mais se aproximaram do que busquei trazer ao longo da minha jornada como estagiária na SLU. Procurei ser não

apenas uma auxiliar na escrita dramaturgica ou diretora de cena, mas também tive a oportunidade de ouvir e conviver com profissionais de diversas áreas da SLU, o que enriqueceu ainda mais meu trabalho com o teatro, tanto como estagiária quanto como estudante.

Como o contexto em que estávamos naquele momento era de isolamento social, acabei, em primeiro momento, tendo pouco contato com os demais membros da mobilização social e com outros funcionários da SLU de modo geral, o que foi um desafio no começo. Percebi que minhas escritas e ideias propostas para o grupo eram bastante superficiais, não condizentes com a realidade, tanto do ponto de vista dos munícipes quanto do ponto de vista das problemáticas que os próprios membros da SLU apresentavam.

Quando participava de campanhas educativas nas ruas, por exemplo, foi quando todas as minhas ideias críticas sobre como a limpeza urbana funcionava e quais eram suas problemáticas mudaram. Nessas campanhas, tive a oportunidade de ver vários contextos dentro de Belo Horizonte. Nestes diversos cenários, conversei com várias pessoas que traziam diferentes questionamentos. Também pude perceber que, quanto mais vulnerável era o contexto social, menos assistência com relação aos resíduos sólidos havia naquele local.

Além do contato direto com a população, também pude trabalhar com técnicos do meio ambiente, cientistas sociais, engenheiros, geógrafos e artistas plásticos, assim como os profissionais que realizam a limpeza urbana, como os garis da coleta de lixo, da varrição e os catadores. Percebi, dessa forma, as diferenças sociais entre aqueles que estão na linha de frente da limpeza e aqueles que desempenham trabalhos administrativos e educativos por trás desse serviço.

Um exemplo disso foi o trabalho que realizei com Daniel do Rap, no qual produzimos uma série de vídeos explicando como os serviços da SLU funcionam. Nesse projeto, Daniel trouxe seu olhar como multiartista, envolvendo trabalhos tanto dentro como fora da SLU, além de sua experiência como gari de coleta. Ele levantou questionamentos sobre como a população enxerga esse trabalho e sobre a exaustiva rotina dos garis, que muitas vezes é pouco valorizada. Percebi, então, a importância de ter Daniel no grupo de teatro, pois, mesmo trazendo minha experiência como professora de teatro em formação, poderia ter uma visão limitada e descontextualizada diante das questões que Daniel vivenciava e trazia para serem discutidas em nossos projetos.

A oportunidade de colaborar com esses diversos profissionais ampliou meu horizonte de pensamento no que diz respeito à transdisciplinaridade. Pude perceber que todas essas áreas e disciplinas estavam interligadas, atuando em conjunto como fontes de conhecimento para abordar as questões da limpeza urbana. Essa experiência me fez refletir sobre a importância de integrar diferentes perspectivas e expertise para enfrentar os desafios relacionados ao tema.

Tendo isso em vista, a “educação ambiental é uma prática social, por meio da qual são construídos conhecimentos e valores. É um fazer e um saber transdisciplinar” (PATO;RACHE, p. 6)

CONEXÕES COM OS ESTÁGIOS REGULARES

Em paralelo ao meu estágio extracurricular na SLU, eu estava realizando os estágios regulares obrigatórios para o curso de Licenciatura em Teatro na UFMG. Durante esse período, as interações com os professores responsáveis pelas disciplinas e as aulas em que participei como observadora ocorreram de forma remota. Essa dinâmica de estudos estabeleceu conexões significativas com as atividades que desenvolvi durante o estágio não obrigatório na SLU.

Os usos da tecnologia, das redes sociais e dos recursos de áudio e vídeo desempenharam um papel fundamental na realização e reflexão teatral naquele momento. No entanto, ao mesmo tempo em que esses recursos foram essenciais, eles também apresentaram desafios devido à falta de recursos tecnológicos e prática, assim como a grande questão de como manter as premissas teatrais e a espetacularidade no ambiente online.

Na disciplina “Análise da Prática e Estágio de Teatro III” pude observar as aulas remotas de teatro no Centro Pedagógico da UFMG do 7º e 8º ano do ensino fundamental. Essa experiência me permitiu compreender de forma prática os resultados das aulas de teatro e como essas práticas impactam os alunos. Diferentemente da minha experiência na SLU, onde participei apenas do processo de elaboração dos trabalhos, nessa disciplina pude ver em tempo real a distribuição desse trabalho e avaliar seus resultados.

Tendo isso em vista, durante as aulas dos estágios regulares em meio às discussões de como pensar o ensino do teatro na pandemia estudamos maneiras de pensar o teatro como “campo expandido” e pensar a “cena expandida”.

De modo geral, tais conceitos pretendem nomear proposições que extrapolam uma área artística específica, borrando as fronteiras que separam teatro, performance, artes visuais, dança, vídeo etc. Mais que isso, trata-se de fazer transbordar as práticas artísticas para fora dos circuitos e dos sentidos que lhe são habitualmente atribuídos, inserindo-as em lugares insuspeitos, articulando-as com outras formas de saber e fazer, colocando em cheque categorias que se encarregavam de situar a arte em um campo cultural nitidamente definido. (QUILICI, 2014, p.12)

A partir desse conceito trazido por Quilici (2014), pudemos elaborar meios para pensar o ensino do teatro no contexto pandêmico. Esse conceito propõe o uso diverso de materiais onde “o artista mobiliza e transita por vários suportes e linguagens para dar forma às suas inquietações” (QUILICI, 2014, p. 13). Desta maneira, o uso de recursos como as redes sociais, vídeos e áudios nos ajudaria a pensar o teatro enquanto “campo expandido” propondo assim diversas maneiras para se pensar o ensino do teatro tendo em mãos os recursos que o distanciamento social nos permitia.

Para complementar essa ideia, também nos foi proposta a pensar a teatralidade enquanto “campo expandido”. Dessa maneira, a teatralidade é “entendida como um discurso e uma estratégia que atravessa o teatro e o transcende, possibilitando inclusive a expansão e o deslocamento dos limites do teatral e do artístico” (DIÉGUEZ, I. 2014, p. 125).

Nesse sentido, a teatralidade pode ser entendida como um conceito que engloba todos os elementos e características que compõem o teatro, é a camada de símbolos e sensações que se materializa transcendendo as palavras escritas (PAVIS, 1999, p. 372). Pensando assim, que a teatralidade existe para além do espaço físico tradicional do teatro explorando as possibilidades da teatralidade em diversos contextos, ampliando as perspectivas e entendendo o teatro como uma prática que vai além de um local específico.

Essa nova abordagem não apenas influenciou minha perspectiva durante as observações nas aulas dos estágios regulares, mas também teve impacto direto nas propostas de trabalho que apresentei ao grupo de teatro da SLU. Diante do isolamento social, buscamos formas de continuar nossas atividades teatrais e, assim, sugeri a criação de textos e projetos que pudessem ser realizados por meio de áudios e vídeos. Essa adaptação ampliou nossas possibilidades ao pensar em projetos que pudessem ser desenvolvidos online, garantindo a segurança de todos os envolvidos e preservando a teatralidade.

Concluindo, a partir da observação das aulas e dos estudos propostos, pude expandir minha visão em relação às possibilidades oferecidas pelas tecnologias, redes sociais e recursos de áudio e vídeo, levando em consideração a preservação da *teatralidade* nos trabalhos apresentados ao grupo de teatro da equipe de mobilização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira reflexão que gostaria de destacar é como as outras práticas que realizei na mobilização social e o contato que tive com outros funcionários contribuíram positivamente em todos os meus processos de escrita para o grupo de Teatro da SLU. Em um momento em que a maioria dos nossos encontros eram feitos por meio de videochamadas, as conversas que tive com os membros do grupo de teatro, com os moradores durante as campanhas e as discussões com membros da equipe de diversas áreas de conhecimento, essas relações estavam presentes e foram consideradas em todos os momentos em que eu elaborava os trabalhos para o grupo.

Ao mesmo tempo, apesar de ter sido um momento muito delicado e difícil para todos, consegui ampliar minha visão sobre o ensino do teatro. Pude explorar o teatro e a teatralidade como um campo expandido, o que gerou possibilidades que não havia considerado antes. Embora os recursos fossem escassos, a criatividade estava aguçada, havia um percurso cheio de possibilidades.

Por fim, poder caminhar nesse espaço ainda pouco trilhado entre o Teatro e a Educação Ambiental contribuiu para uma reflexão em relação à fragmentação dos conhecimentos científicos. Percebi que o que é considerado lúdico ou divertido e o que é considerado assunto sério não são caminhos opostos, nem ferramentas um do outro, e tampouco estão desconectados.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a **Política Nacional de Resíduos Sólidos**; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm. Acesso em: 02 jun. 2023

_____. Ministério do Meio Ambiente. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. **Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm. Acesso em: 02 jun. 2023

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 02 jun. 2023

DIÉGUEZ, Ileana. **Um Teatro Sem Teatro: a teatralidade como campo expandido**. Sala Preta, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 125-129, 2014. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v14i1p125-129. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/81758>. Acesso em: 9 jun. 2023.

GOLDBERG, L. G. **Arte-Educação-Ambiental: o despertar da consciência estética e a formação de um imaginário ambiental na perspectiva de uma ONG**. 2004. 183f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2004. Disponível em: <https://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/index.php/estantes/educacao-ambiental/2287-arte-educacao-ambiental-o-despertar-da-consciencia-estetica-e-a-formacao-d-e-um-imaginario-ambiental-na-perspectiva-de-uma-ong>. Acesso em: 30 mai. 2023.

LUMMERTZ, T. B.; FISCHER, M. L. **O Teatro como ferramenta de promoção de Educação Ambiental**. Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA), [S. l.], v. 12, n. 5, p. 56–72, 2017. DOI: 10.34024/revbea.2017.v12.2488. Disponível em: <https://www.periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/2488>. Acesso em: 19 mar. 2023.

PATTA RACHE, Rita; LYRA PATO, Cláudia. **Arte Educação Ambiental como constructo transdisciplinar**. AmbientalMente Sustentable: Revista científica galego-lusófona de educación ambiental, v. 20, p. 637-656, 2015. Disponível em: <https://ruc.udc.es/dspace/handle/2183/22232>. Acesso em: 30 mai. 2023.

PAVIS, P. **Dicionário de Teatro**. Tradução de Guinsburg J.; Pereira, M. L. São Paulo: Perspectiva, 1999.

QUILICI, C. **O campo expandido: arte como ato filosófico**. Sala Preta, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 12-21, 2014. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v14i2p12-21. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/84758>. Acesso em: 12 jun. 2023.

ANEXO

Roteiro do Podcast “História das Embalagens”, escrito por Beatriz Novaes dentro das atividades do estágio na SLU.

PRÉ-HISTÓRIA

Carol: Gabi estava fazendo compras no supermercado para a sua avó quando olhou para uma embalagem de macarrão que começou a se mexer, ela se aproximou curiosa:

GABI: Meu Deus, será que é um rato?

Carol: Quando de repente um ser muito curioso e pequeno saiu de dentro do pacote de macarrão

ANCIÃO: Ah ufa, quase morri sufocado aqui dentro...

Carol: Gabi ficou assustada mas não conseguia tirar os olhos daquela criatura

GABI: Quem é você? Como foi parar aí dentro?

ANCIÃO: Ora, me perdoe a falta de educação, eu sou o Ancião do Tempo. Meu trabalho é viajar em busca de informações. Qual o seu nome, senhorita?

GABI: Eu me chamo Gabriela, mas pode me chamar de Gabi!

ANCIÃO: Senhorita Gabi, onde é que estamos exatamente, em que ano?

GABI: Estamos em 2020, na cidade de Belo Horizonte e dentro de um supermercado. Você acabou de sair de uma embalagem de macarrão.

ANCIÃO: Que interessante, eu estou justamente em busca de informações sobre as embalagens. Do que é feita essa embalagem?

GABI: Uai, de plástico? Por onde você andou não era assim?

ANCIÃO: Não, eu nunca tinha visto algo assim!

GABI: Como assim? Eu não consigo imaginar outras embalagens sem ser essas aqui...

ANCIÃO: Então vem comigo senhorita, eu vou te mostrar um pouco das coisas que já descobri!

GABI: Vamos!

Carol: O Ancião e Gabi embarcam em uma viagem no tempo

ANCIÃO: Chega mais perto, vem aqui dar uma olhada. Na época da pré-história, isso era bem diferente. Nós comíamos plantas e animais que nós mesmos caçávamos.

GABI: Nossa! Então era bem mais difícil de conseguir comida.

ANCIÃO: Além de comida, nós aproveitávamos todas as partes do animal.

GABI: E esses chifres? Isso é um crânio de gente?

ANCIÃO: O crânio e os chifres serviam para carregar água e também alimentos. A bexiga servia para guardar o alimento e o couro, além de nos esquentar no frio, também conservava a nossa comida.

GABI: Então quase não tinha desperdício! Era bem diferente do meu tempo então, você nem imagina as coisas que jogamos fora...

ANCIÃO: Mas calma, ainda tenho muita coisa para te mostrar, vem!

GRÉCIA ANTIGA

ANCIÃO: Lá na Grécia Antiga, há muito tempo atrás... nós usávamos muita cerâmica!

GABI: E de que eram feitas as cerâmicas?

ANCIÃO: Eram potes que fazíamos com barro.

GABI: Eram potes tipo esse aqui?

ANCIÃO: Isso mesmo!

GABI: E o que vocês guardavam neles?

ANCIÃO: Eles eram usados para armazenar todo tipo de alimento, água, ervas...

GABI: Ah! Então vocês colhiam e colocavam nesses potes?

ANCIÃO: Exatamente! Imagine só, nós subíamos nas árvores, colhíamos frutas frescas e carregávamos todas nesses potes!

GABI: E como vocês subiam nas árvores? Vocês usavam escadas?

Ancião ri

ANCIÃO: Nós subíamos sem escada, você acredita? Usando a nossa própria força!

GABI: Nossa que curioso...

ANCIÃO: Ah e mais uma curiosidade! Você sabia que foi na Grécia Antiga que surgiu o Teatro?

GABI: Pois é e aqui estamos nós no Teatro!

ANCIÃO: Se você achou curioso a Grécia antiga, você vai adorar a Idade Média, vem comigo.

IDADE MÉDIA

GABI: A idade média é muito fácil, eu estudei na escola, foi a época dos grandes castelos!

ANCIÃO: Está certo! Era onde eu trabalhava o dia todo e também na colheita!

GABI: Me conta mais, vocês ainda usavam potes de barro como na Grécia Antiga?

ANCIÃO: Sim, nessa época também usávamos cestos feitos de fibra vegetal, e haviam vários materiais para armazenamento, como barril, cabaça, balaio...

GABI: E pra que serviam essas cabaças?

ANCIÃO: Use mais a sua imaginação...ela pode servir pra muitas coisas.

GABI: Hm... Pra carregar água?

ANCIÃO: Isso! Ah ... me lembro de trabalhar o dia todo nas plantações e depois buscar água no rio para me refrescar

GABI: Aqui a nossa água vem das torneiras, eu nem sabia que a água vinha do rio!

ANCIÃO: Vamos prosseguindo a nossa viagem!

RENASCIMENTO

ANCIÃO: Foi no renascimento que ocorreram as grandes navegações!

GABI: Grandes? Quanto tempo duravam essas navegações?

ANCIÃO: Muito, muito tempo, senhorita Gabi! Passávamos meses nas caravelas, observando apenas o mar e às vezes as viagens duravam mais tempo do que o planejado e tínhamos que fazer poucas refeições para a comida durar.

GABI: E como vocês faziam para a comida não estragar?

ANCIÃO: Ótima pergunta, senhorita Gabi! Foi exatamente por isso que houve um grande avanço nas embalagens naquela época, novos materiais surgiram como latas para preservação, pois, precisávamos que resistissem às viagens.

GABI: Ah, essas grandes aqui?

ANCIÃO: Essas mesmas! Me lembro uma vez que enquanto navegávamos começou uma forte tempestade que balançou toda a nossa tripulação. Quando a chuva passou essas latas, que carregavam água, estavam intactas!

GABI: E essas embalagens de vidro, vocês usavam para quê?

ANCIÃO: Para muitas coisas! Para guardar comidas e bebidas também!

GABI: Então vocês usavam as embalagens várias vezes?

ANCIÃO: Exatamente! Elas duravam vários anos e várias viagens!

GABI: Que interessante! No meu tempo nós jogamos quase todas as embalagens fora depois que terminamos de usar.

ANCIÃO: As coisas começaram a mudar depois da Revolução Industrial...

GABI: Ah, revolução industrial, aqui eu conheço! Foi quando surgiram as máquinas, não foi?

ANCIÃO: Exatamente, senhorita Gabi... As cidades foram tomadas pelas fumaças das fábricas e pelos vapores dos trens que transportavam pessoas e mercadorias para todo canto!

GABI: Eu sei que coisas que usamos até hoje foram inventadas nessa época, o carro, o avião, o telégrafo, a televisão, o jeans, o cinema, muitas tecnologias surgiram ...

ANCIÃO: Mas também foi uma época de muita agitação e de grandes mudanças que trouxeram grandes consequências...

GABI: Do que você está falando exatamente?

ANCIÃO: Foram muitas consequências, e o meio ambiente sofreu muito com essas transformações. Como as máquinas aceleraram o processo de produção e os trens ajudaram a levar mais rápido as mercadorias, o consumo aumentou e conseqüentemente a quantidade de resíduos também.

DIAS ATUAIS [De volta ao supermercado]

ANCIÃO: E agora onde estamos? Olha, eu já viajo há muito tempo e nunca estive nesse lugar!

GABI: Então senhor Ancião. Nós voltamos pra onde você saiu, no supermercado.

ANCIÃO: Quantas cores...Quanta luz! É muito forte... E tem esse material estranho de onde eu saí...como é o nome mesmo?

GABI: O plástico!

ANCIÃO: Isso, plástico!

GABI: Aqui usamos muito eles, e também metal, papel e vidro. Isso porque os produtos são feitos para durar pouco e as pessoas consumirem mais.

ANCIÃO: Senhorita Gabi, estou curioso com uma coisa, por que todos estão usando panos para cobrir uma parte do rosto?

GABI: Ah! Já ia me esquecendo de contar, em 2020 um vírus chamado Covid-19 se espalhou por todo o mundo, e todos precisamos usar máscara para dificultar a transmissão do vírus.

ANCIÃO: Mas pensei que tínhamos evoluído, parece que estamos na idade média.

GABI: Pois é senhor Ancião, você não viu nada!

ANCIÃO: E o que vocês fazem com todos esses materiais?

GABI: A maioria é jogado fora, mas alguns materiais podem ser aproveitados para outras coisas. Inclusive senhor Ancião, pelas suas histórias, percebi que as embalagens duravam muito na antigamente!

ANCIÃO: Sim, senhorita Gabi. Fiquei bastante impressionado com a maneira que vocês hoje em dia descartam as coisas que usam! Antigamente as embalagens eram usadas várias e várias vezes, por anos!

GABI: Já que você está aqui há milhares de anos, Ancião, você poderia dizer qual o caminho para melhorar isso no futuro?

ANCIÃO: Olha senhorita Gabi, acredito que a sua geração pode dizer e fazer isso melhor do que qualquer pessoa, vocês são o futuro.

GABI: Claro, mas você que veio do passado, sabe como tudo isso começou...

Gabi entra e interrompe a cena

ANCIÃO: Isso já acontece a muitos anos, não podemos jogar a culpa para o outro, todos somos responsáveis por isso. O quanto estamos dispostos a discutir e contribuir sobre esse assunto? O quanto cada um de nós está disposto a partir pra ação?

GABI: Acho que os Garis são importantes por isso, eles contribuem muito para manter nossa cidade limpa!

ANCIÃO: Mas você não acha que todos nós devemos contribuir com o trabalho deles?

GABI: Sim, mas o trabalho deles não é limpar a cidade?

ANCIÃO: A responsabilidade não é só deles. Pelo que o pude ver por aqui, eles passam por muita coisa que não precisavam passar.

GABI: Nossa, é verdade!

DANIEL: A coleta seletiva é uma boa opção para solucionar a quantidade de lixo que é gerada, mas ainda tem muitas coisas para melhorar.

ANCIÃO: Nossa, vocês são heróis!

DANIEL: As pessoas vivem dizendo isso, mas ninguém está disposto a fazer o nosso trabalho ou pelo menos contribuir com ele.

ANCIÃO: Eu vi tanta coisa nesse mundo, vi tantas coisas sendo criadas, agora estou me perguntando como chegamos a este estado tão crítico?

GABI: Até onde sabemos, só existe um lugar como a terra, onde existe a vida como a nossa. Aqui nada conseguimos jogar fora, tudo fica dentro do nosso planeta, então por que não cuidar dele, ter respeito? E Por que só nós estamos discutindo isso? Vocês não acham que isso deveria estar sendo discutido nas escolas, dentro das reuniões de condomínio ou até na empresa que você trabalha?

ANCIÃO: Concordo senhorita Gabi, E eu como um velho homem que continuará sua jornada pelo mundo, acredito que o melhor caminho é a mudança, deixar velhos hábitos para trás e mudar nossa maneira de agir e pensar. E mais importante do que refletir, é partir para a ação, mesmo que seja uma contribuição pequena, nós precisamos agir!

Exemplo de trabalho 2 - Podcast "Entrevista com a Crespete"

APRESENTADOR: Bom dia, boa tarde e boa noite queridos ouvintes! Estamos começando mais um **Papo a dois**. (TOCA VINHETA) Aqui nesse programa, toda semana nós conhecemos pessoas de todo canto no mundo, e que tem muitas histórias pra contar!

E nesse episódio nós temos uma convidada inédita, o nome dela é Crespete! Seja muito bem vinda ao nosso programa!

CRESPETE: Obrigada por me receber aqui, estou bem animada pra contar a minha história!

APRESENTADOR: Me conta um pouco sobre a sua origem Crespete, onde você nasceu?

CRESPETE: Bom, eu nasci na beira de um rio e nos pés de uma Araucárias.

APRESENTADOR: E quando foi isso?

CRESPETE: Há muitos anos atrás, mais ou menos há cento e poucos anos, não sei ao certo. Já perdi a conta de quantos anos eu tenho, você acredita?

APRESENTADOR: Acredito! As vezes também me esqueço que ano eu nasci. (eles riem juntos) Então você tem uma relação especial com as árvores?

CRESPETE: Sim, eu posso sentir e escutar eles de um jeito profundo. Só de ver uma sei te dizer se ela está bem, se está machucada ou com sede.

APRESENTADOR: Que dom incrível você tem Crespete!

CRESPETE: Não diria que é um dom, sabe? Eu diria que elas fazem parte de mim, eu nasci delas, é quem eu sou.

APRESENTADOR: E onde você vive atualmente? Vive aqui pela cidade mesmo?

CRESPETE: Eu sempre vivi aqui em Belo Horizonte, vivo aqui desde que a cidade era um bosque cheio de árvores

APRESENTADOR: E como era essa época?

CRESPETE: O ar era muito mais leve, a gente respirava fundo e sentia um ar puro!

APRESENTADOR: O nosso ar está muito diferente de antigamente?

CRESPETE: Claro! O ar era muito mais fresco, e a paisagem muito mais verde...Pensa bem, olha o nome da nossa cidade...Belo Horizonte...

APRESENTADOR: Hmm... Esse nome é por causa da paisagem?

CRESPETE: Exatamente! A cidade era tomada pela beleza das serras cheias de árvores... mas com o tempo essa paisagem foi mudando cada vez mais...hoje em dia a paisagem que é muito diferente do que era

APRESENTADOR: Deve ser difícil pra você ver a cidade desse jeito então, quase sem árvores...

CRESPETE: Sim, meu sonho é fazer o mundo voltar ao que era antes.

APRESENTADOR: O que você traria de volta?

CRESPETE: Com certeza as espécies de árvores que foram extintas ou estão sendo ameaçadas de extinção, incluindo a Araucária!

APRESENTADOR: E os animais também ...

CRESPETE: Isso! E todos os animais que existiam, e agora muitos estão em extinção.

APRESENTADOR: E me conta uma coisa, você nasceu nas margens de um rio, não foi? Então você também consegue sentir eles?

CRESPETE: Claro! Mas é muito difícil encontrar um rio hoje em dia né? Muitos estão secos, outros nem parecem mais rios. Isso me deixa desesperada, sem os rios nós não seríamos nada, nem estaríamos vivos!

APRESENTADOR: Nunca tinha parado pra pensar sobre isso Crespete, é verdade!

CRESPETE: Por isso gosto de sair por aí contando minhas histórias, tentando mostrar para as pessoas o mundo que um dia eu vivi...

APRESENTADOR: Que bom ter conversado com você! Com certeza me fez lembrar de várias coisas que esquecemos...

CRESPETE: É fácil esquecer que nós dependemos da natureza pra viver quando achamos que podemos dominá-la.

APRESENTADOR: Infelizmente nosso programa está chegando no fim, Crespete. Obrigado pela sua participação e espero que volte!

CRESPETE: Eu que agradeço! Até mais!